

# Carteiros Literários - A Construção de uma História

Daniela Mota Silva<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Tierno

[danielamota@nucleoeducatho.com.br](mailto:danielamota@nucleoeducatho.com.br)

FACON - Faculdade de Conchas /Pólo A Casa Tombada

## Resumo:

A proposta do artigo tem a intenção de descrever e pensar a potência da intervenção artística intitulada “Carteiros Literários”, realizada pela Cia do Núcleo Educatho, como disparadora das memórias de idosos de cinco Núcleos de Convivências da Cidade de São Paulo/Brasil.

Usando como linha de reflexão o tema sugerido pela revista: Conviver. O Outro. A escuta. A(s) Voz(es), o objetivo deste estudo é fazer uma descrição da atividade, que nasce do desejo de ouvir e resgatar as histórias de vida dos idosos participantes, e problematizar a questão da memória individual e coletiva, além de pensar também em como esse tema pode ser um componente poético para a criação artística.

**Palavras-chave:** idosos, memórias, cartas, intervenção artística, teatro e comunidade.

## Introdução

Em 2015 a Cia (Companhia) do Núcleo Educatho, grupo teatral brasileiro que tem como foco de trabalho o teatro narrativo e do qual sou uma das integrantes, foi convidada pelo então coordenador das bibliotecas municipais da Cidade de São Paulo, Giuliano Tierno, para repensarmos o papel das bibliotecas nas comunidades em que elas estão inseridas. Este convite veio do nosso relato diante das dificuldades enfrentadas em nossa temporada do espetáculo “A

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado em julho de 2017 como parte da conclusão do Curso de Pós-Graduação “Arte de Contar Histórias: Abordagens Poética, Literária e Performática” turma VI.

Nova Roupas do Rei” no teatro Zanon Ferrite na zona leste de São Paulo. Estávamos em cartaz neste teatro que fica dentro da Biblioteca Municipal Paulo Setúbal e logo na primeira semana percebemos a dificuldade em atrair público para as apresentações. Resolvemos, então, na semana seguinte sair caracterizados como os personagens da peça e tentar divulgar o espetáculo nas ruas e avenidas da região. Conforme íamos andando pelo bairro pudemos perceber que os moradores desconheciam a existência do teatro e também da biblioteca. Foi neste momento que nós, da Cia, começamos a perceber que os problemas de acesso à cultura eram maiores do que imaginávamos e, em uma das nossas conversas com o Giuliano, relatamos a questão.

Ele, sempre muito aberto à escuta e querendo modificar aquela realidade, nos propôs um desafio: que pensássemos em um projeto de ocupação artística dentro das bibliotecas. A ideia era fazer um intercâmbio com outros grupos teatrais, onde cada grupo proporia uma ocupação em determinada biblioteca durante três meses; ao final da ocupação os grupos trocariam de espaço indo ocupar por mais três meses a biblioteca do grupo anterior. Este foi um projeto piloto e ficamos muito animados com a possibilidade de repensarmos este espaço tão importante e significativo que é uma biblioteca.

Os locais escolhidos foram a *Biblioteca Pública Municipal Helena Silveira* no bairro do Campo Limpo e a *Biblioteca Pública Municipal Hans Christian Andersen* no bairro do Tatuapé, ambas na Cidade de São Paulo/Brasil.

Logo no início, quando ainda estávamos pensando em quais ações íamos fazer, tivemos a certeza de que, quaisquer que fossem as propostas, não queríamos fazer o evento pelo evento, levando atividades artísticas para as bibliotecas sem repensar as dificuldades que estes espaços enfrentam na sociedade do século XXI.

Foi com este pensamento que iniciamos as discussões para chegar em uma ocupação que realmente fizesse sentido para nós enquanto grupo e artistas. Dessas discussões nasceu o projeto *Essa Biblioteca Também é Sua!*, uma ocupação artística que interagia com os funcionários do local, com os moradores do entorno e com os frequentadores da biblioteca escolhida.

Uma das nossas ações para tentar entender a falta de interesse da população em frequentar as bibliotecas foi chamada de **“Carteiros Literários”** e se deu da seguinte maneira: os atores da Cia saíam pelo bairro onde a biblioteca está situada vestidos de carteiros e passavam de casa em casa entregando cartas.

Essas cartas continham poesias ou fragmentos de histórias de livros que pertencem ao acervo da biblioteca. Além de ser uma atividade que serve como um estímulo e promoção da leitura, ela aproxima os moradores do “espaço biblioteca”. Como no ditado “Se Maomé não vai até a montanha, a montanha vai até Maomé”, a intervenção levou a biblioteca e seus livros para as pessoas, proporcionando-lhes assim um contato com aquele local, que muitas vezes não é frequentado por falta de conhecimento.

Pois foi exatamente isso que sentimos durante nosso processo de ocupação: as pessoas na maioria das vezes nem tinham conhecimento de que no bairro existia uma biblioteca, ou se sabiam, não a frequentavam por desconhecerem a programação que vai além do empréstimo de livros, trazendo sessões de narrações de histórias, mediação de leitura, encontro com autores etc.

Somente por divulgar a biblioteca nos arredores a ação dos Carteiros Literários já foi válida, mas queríamos ir além e estreitar ainda mais a relação da população com o local. Então, ao entregarmos as cartas pedíamos que aquele destinatário devolvesse nossa carta com outra carta, agora contando uma história sua ou um trecho de seu livro ou poesia preferido. Dessa maneira invertemos a ótica, tiramos o papel das pessoas apenas de receptores e damos a possibilidade de elas serem agentes da sua própria história.

Criamos assim uma grande teia de histórias, levando nossas histórias e recebendo as dos moradores, estimulando a memória daquelas pessoas e, por que não dizer, do bairro e da cidade em que elas vivem. Ao final da nossa ocupação, nós – da Cia do Núcleo – escolhemos algumas histórias recebidas que transformamos em peça de teatro, como forma de agradecimento aos moradores da região pelas histórias compartilhadas. Esse espetáculo é apresentado em um grande sarau na biblioteca, aberto ao público e com a possibilidade de eles participarem, lendo novas histórias ou poesias.

Na nossa concepção fechamos um ciclo dessa maneira, pois além de receber e doar histórias a população teve a possibilidade de ver sua história transformada em algo artístico, ou seja, as pessoas tiveram a oportunidade de olhar sob uma nova ótica tudo aquilo que já foi vivido dando um novo significado à situação.

Na Biblioteca Hans Cristian Andersen nossa experiência com essa intervenção foi além, pois entramos em contato com os *Núcleos de Convivências de Idosos (NCI) – Nosso Lar e Santa Vicenza Gerosa*, que ficam na região da zona leste da cidade, e propusemos a ação dos Carteiros Literários lá. Esses espaços são

instituições mantidas pela Prefeitura de São Paulo e que promovem o bem-estar e o convívio para pessoas idosas de ambos os sexos; a ideia central desses locais é receber ações que contribuem para melhorar o processo de envelhecimento.

Achamos que um espaço de convivência de idosos seria o lugar perfeito para coletarmos histórias já que na grande maioria das vezes são eles os detentores das histórias e conhecimentos que ficam esquecidos e acabam se perdendo ao longo do tempo. Sobre este tema a pesquisadora e estudiosa Éclea Bosi diz:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvido nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (Bosi, 2007, p.60)

Foi depois dessa experiência com o NCIs (Núcleo de Convivência de Idosos) da região da Zona Leste da Cidade de São Paulo que percebemos que aquela intervenção, que a princípio tinha nascido para aproximar a população da biblioteca, tinha virado algo maior e tinha, como semente germinadora, um processo de compartilhamento de memórias dos idosos muito valioso e pertinente para o reconhecimento de hábitos e costumes de toda uma geração, e – por que não dizer – de um estudo social com essa população específica que mora na cidade de São Paulo. Processo este que se aproxima do que era feito em outros tempos e em outros locais com as “sociedades da memória”, conceito que é explicado por Olga Von Simson, abaixo:

[...] Nas sociedades da memória, que existiram no passado e ainda subsistem em locais isolados da África, da Oceania e da América do Sul, e nas quais o volume de informação é consideravelmente muito mais restrito, a memória é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incumbem também de transmiti-la às novas gerações, cabendo aos mais velhos, devido a sua maior experiência e vivência, o importante papel social de guardiões da memória. Cabe a eles a função de transmitir às

novas gerações de seu grupo social os fatos e vivências que foram retidos como fundamentais para a sobrevivência do grupo. (Simson, 2000, p. 16)

Por conta dessas novas percepções que o projeto poderia oferecer inscrevemos a ação dos Carteiros Literários em um prêmio chamado *Todos por um Brasil de Leitores* promovido pelo Ministério da Cultura do Brasil e pela Diretoria do Livro e Leitura, para realizarmos mais ações de coletas de memórias em outros NCIs da cidade de São Paulo, e fomos contemplados. Agora o projeto tinha como objetivo a visita e o estímulo das histórias do público senior de cinco Núcleo de Convivência dos Idosos são eles: *NCI Água Cristalina* e *NCI Jardim das Imbuías* na zona sul, *NCI Coração Materno* na zona norte e *NCI Viver é Sorrir* e *NCI Viva a Vida* ambos na zona leste.

A metodologia usada para o registro das histórias foi a coleta das cartas escrita por eles e o registro audiovisual realizado por nós através de uma roda de histórias que fizemos durante o processo. Ao final, nós, da Cia do Núcleo, fomos para a sala de ensaio e produzimos, baseados no que recebemos, uma dramaturgia que deu origem ao espetáculo *Contos do Povo de Algum lugar*.

### **O processo artístico**

O conceito de memória e a maneira como ela funciona vem sendo, há séculos, tema dos estudos de filósofos e de cientistas. Este conceito vem se modificando e se adequando às funções, às utilizações sociais e à sua importância nas diferentes sociedades humanas. Em cada época procurou-se explicar a memória utilizando-se de metáforas compreensíveis, construídas em torno de conhecimentos que caracterizavam o momento histórico. Para os antigos gregos, a memória era sobrenatural. Um dom a ser exercitado. A deusa Mnemosine, mãe das Musas, protetoras das artes e da história, possibilitava aos poetas lembrar o passado e transmiti-lo aos mortais. Já Platão a considerava como um bloco de cera onde as impressões ficariam gravadas, para, quando fosse necessário retomar essas impressões, bastar evocá-las.

A memória já foi considerada um fato puramente biológico, “[...] um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e ideias, gestos e palavras” (Chauí, 2002, p. 128). Nesse caso, a memória estaria reduzida à gravação automática, pelo cérebro, de fatos, acontecimentos, pessoas e relatos. Marilena Chauí considera limitada a ideia de pensar a memória apenas como “registro”, levando em conta que o fenômeno da

lembrança ainda é algo que não se explica claramente, bem como não se explica a seletividade da memória. Segundo a autora:

[...] selecionamos e escolhemos o que lembramos e a lembrança, como a percepção, tem aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (existem lembranças alegres e tristes, saudade, arrependimento, remorso). [...] também não se pode explicar o esquecimento, pois se tudo está espontânea e automaticamente registrado e gravado em nosso cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma, nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e facilidade para recordar outras. (CHAUÍ, 2002, p. 128)

Desta maneira, quando tivemos o primeiro contato com o material que tínhamos recolhido dos idosos, primeiro veio a surpresa em perceber quantas histórias possuíamos – foram ao todo 100 cartas e mais de quatro horas de vídeo; depois veio um senso de responsabilidade muito grande, já que ali, naquele material, estava impressa uma infinidade de lembranças, recordações e fragmentos de vidas que acabaram por se cruzar com a nossa história.

A pergunta agora era: como representar e dar voz a todos esse material transformando-o em algo artístico? Como usar aqueles fragmentos como inspiração para a criação de uma história completamente nova? Este era o nosso desafio e, para que ele se tornasse mais acessível, resolvemos convidar o ator Joca Andreazza para a direção do espetáculo. O processo de criação artística se deu em duas partes, a primeira foi a leitura de todas as cartas e o assistir de todos os vídeos. Dividimos o material recolhido por semelhanças, histórias que tinham por exemplo a mesma temática e criamos categorias para elas, ao final chegamos às seguintes divisões: *superstição e fé; amores; humor; política; comidas; sofrimento e episódios*.

Nesta etapa do processo percebemos que, além de fenômeno individual e psicológico, a memória é principalmente um fenômeno social, uma construção derivada das relações sociais estabelecidas pelos atores sociais, que transcende o aspecto individual. Henry Rousso explica que a memória é a presença do passado e, ao mesmo tempo, é incontestavelmente da atualidade, pois é o momento atual que lança ao passado as indagações em busca de compreensão, possibilitando aos sujeitos que narram, uma reconstrução constante de si e do universo que habitam. As memórias constituem-se “[...] um elemento essencial das identidades, da percepção de si e dos outros” (Rousso, 2002, p. 95).

Com o estudo do material outra questão que nos saltou aos olhos foi a presença majoritária das mulheres nos relatos e depoimentos; elas corresponderam a 95% do nosso público e a grande maioria delas tinham uma história de vida parecida: saíram do sertão ou do interior do Brasil e vieram tentar a sorte na cidade grande, ou atrás do companheiro que já vivia em São Paulo, ou sozinhas mesmo. Assim, pudemos perceber que suas narrativas se cruzavam e resolvemos condensar todas essas mulheres em uma só, uma personagem que daria voz a todas elas. Foi assim que nasceu a narradora da nossa história: *Zefa de Antônio Chiquinho*.

Antes de apresentar melhor a condutora da nossa narrativa, acho importante abrir um parêntese e falar sobre a construção do texto e o processo dramático do espetáculo que foi a segunda etapa do nosso processo criativo.

### **A Construção Colaborativa da Dramaturgia**

Quando começamos o processo de montagem do espetáculo *Contos do Povo de Algum Lugar*, que foi baseado nas histórias recolhidas e recontadas pelos idosos através da intervenção “Carteiros Literários”, em nenhum momento pensamos em contratar alguém para dar vida a essa dramaturgia. Isso foi pelo fato de que nós, os quatro integrantes da Cia do Núcleo, estávamos tão inundados com as narrativas daquelas pessoas que não faria sentido contratar um terceiro para escrever algo que já estava em nosso imaginário só esperando para florescer. Por esse motivo, optamos, juntamente com o diretor, em uma construção colaborativa desse texto. Sobre esse tema o dramaturgo Luís Alberto de Abreu diz:

Pode-se dizer que o processo colaborativo é um processo de criação que busca a horizontalidade nas relações entre os criadores do espetáculo teatral. Isso significa que busca prescindir de qualquer hierarquia pré-estabelecida e que feudos e espaços exclusivos no processo de criação são eliminados. Em outras palavras, o palco não é reinado do ator, nem o texto é a arquitetura do espetáculo, nem a geometria cênica é exclusividade do diretor. Todos esses criadores e todos os outros mais colocam experiência, conhecimento e talento a serviço da construção do espetáculo de tal forma que se tornam imprecisos os limites e o alcance da atuação de cada um deles. (Abreu, 2004)

O diretor, Joca Andreazza, pediu para que cada ator fizesse uma pré-seleção das histórias que mais chamassem sua atenção e tentasse de alguma maneira unir os pontos entre elas. Foi através desse exercício que nasceu a base para o que é hoje a dramaturgia do espetáculo. A atriz Giulia Amorim trouxe o prólogo, fazendo uma junção de todas essas mulheres que mencionei acima na figura da narradora, e o ator Vitor Meneghetti trouxe uma estrutura baseada nos contos tradicionais, algo que o pesquisador e folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo chama de ciclo do diabo logrado ou contos para enganar o diabo:

Em todos os contos e disputas poéticas o Demônio intervindo, perde a aposta e é, infalivelmente, logrado. O ciclo determinado acusa-se pela própria abundância do material derredor de um tema único. A derrota do Demônio na novelística é quase universal. Nos contos populares brasileiros, portugueses, espanhóis, africanos, árabes, não conheço uma vitória do Demônio, em matéria de aposta, aceitando desafio ou firmando contratos. (Cascudo, 1984, p.262)

Essa temática surgiu por conta de uma outra constância nas narrativas desses idosos: a presença da bebida alcoólica e os desafios em se viver em uma cidade que não é a sua de origem. Como comentei atrás, a questão das dificuldades que encontraram aqui foi muito presente nos relatos dessas pessoas que largaram suas cidades e familiares em busca de uma vida melhor em São Paulo. Em grande parte deles a presença do álcool surge como um disparador de conflitos, de arrependimentos ou de transtornos. Pudemos perceber na leitura dessas histórias de dor e sofrimento o que o historiador francês Henry Rousso entende como a importância da memória e do seu registro. Rousso (2002) fala da memória como reconstrução psíquica e também intelectual que traz ativamente uma representação seletiva do passado e esse passado não é apenas daquele que recorda, mas também do coletivo no qual o recordador fez/faz parte. Por essa razão, as memórias são componentes absolutamente necessários na transformação das identidades dos sujeitos, das percepções de si e dos outros, daqueles com os quais conviveram ao longo de suas vivências em contextos sociais distintos. Elas irão tornar-se experiências de vida porque as memórias compartilhadas através das narrativas possibilitam àqueles/as que narram realizar um trabalho sobre si mesmos.



Foi com essa inspiração que nasceu a personagem Malvino, um homem de meia idade, que no início da nossa história se encontra desiludido e triste com o rumo que sua vida levou: neste momento entra a figura do Diabo como um “salvador” para todos os seus problemas. Malvino relata para o demônio que saiu do sertão com o sonho de ter uma vida melhor na cidade grande, mas foi engolido pelas dificuldades e acabou se apegando na bebida. O diabo então propõe para ele um pacto: Malvino terá a chance de voltar ao passado, conversar com seu “eu-criança” e tentar mudar seu destino, mas em troca venderá sua alma para o coisa ruim. Nosso protagonista aceita a condição e é transportado para o seu passado; com o desenrolar do texto ele vai reencontrando personagens importantes para a construção da sua história, como seu pai e sua mãe, e tentando modificar seu futuro.

No meio dessa narrativa fomos inserindo as cartas escritas pelos idosos e selecionadas por nós, às vezes na boca do pai contando um caso para o forasteiro Malvino, nas lembranças da mãe para descrever como é a vida naquele sertão, ou até mesmo na inocência do menino Malvino em narrar suas experiências infantis. Ao final o protagonista resolve escrever uma carta para o seu “eu-menino” com os ensinamentos que ele julga importante que o garoto se recorde quando vier para a cidade grande.

O elemento carta aparece na dramaturgia de uma forma intencional, como uma ponte para o trabalho que foi realizado anteriormente. Fazemos uma alusão a essas narrativas compartilhadas por esses idosos, participantes do nosso projeto, que sem saber repartiram conosco experiências de vida, conselhos e sabedorias. É uma homenagem nossa a eles, por terem atravessado nossas vidas com tantos ensinamentos.

Quando Malvino tem seu reencontro com o Demônio percebe, como na maioria dos casos, que foi enganado. O Diabo resolve alterar o “trato” e diz que vai ficar com a alma do homem por cem anos, e não um mês como eles tinham combinado. Neste momento, Malvino apela para Deus que finalmente ouve suas preces e aparece para resolver toda aquela confusão e livrar o homem das mãos do Tinhoso, que acaba saindo de mãos vazias.

É neste momento que a narrativa se encerra e temos o retorno da narradora para fechar a história, ela resgata a carta que Malvino escreveu e compartilha com o público suas palavras:

Carta a meu eu jovem.

De menino:

*Voe, voe alto.*

*Brinque, faça brinquedo de tudo que lhe der na telha. De batata e palito se faz vaquinhas; de peão se faz espaçonave a voar no espaço; de bicicleta se faz foguete veloz a cortar o vento.*

*Imagine, deixe que sua imaginação o leve a lugares nunca antes explorados.*

*Prepare-se, pois de tudo que lhe acontecer enquanto menino, não é nem um pedacinho de tudo que a vida ainda vai lhe trazer.*

*Voe, voe, voe, voe, voe,*

De jovem:

*Aventure-se, descubra tudo o que a vida pode lhe oferecer. Não fique preso a decisões, pois nenhuma delas será para sempre. Na vida sempre há tempo e espaço para se mudar.*

*Sonhe, engane o tempo e dê uma espiada no que não aconteceu ainda, nesse lugar desconhecido e encantador chamado futuro.*

*Voe, voe, voe, voe*

De homem:

*Corra, mas tenha ciência de que nessa corrida o que importa é o caminho, as paisagens que se vê.*

*Ame, olhe para o lado e tenha certeza de que aquelas mãos que estão dadas às suas serão o descanso de seus olhos, a companhia que lhe aquecerá o peito quando todos os outros se forem.*

*Crie, plante as boas sementes do trabalho com suor sem contar os dias que faltam para a colheita, pois ela certamente virá.*

*Voe, voe, voe, voe, voe,*

Na senhorisse:

*Sorria, se chegaste até aqui é porque teve força o suficiente para atravessar tempestades, bem como jardins floridos;*

*Aprenda, jamais deixe de aprender até mesmo com as crianças. Tudo e todos podem lhe ensinar algo um dia. E por fim....*

*Voe, voe, voe e finalmente pouse. E nesse pouso, voarás deixando um rastro junto ao vento, no ar, no infinito. Um rastro de amor, um rastro de vida que jamais se apagará no coração de quem te viu voar.*

(Trecho do espetáculo *Contos do Povo de Algum lugar*. Direção Joca Andreazza e realização Cia do Núcleo Educativo).

Dona Zefa fecha um ciclo deste jeito, ela inicia a história se apresentando para o público, contando sua história de vida e convidando a todos a embarcarem em uma nova narrativa e termina lendo a carta de Malvino, mas que poderia muito bem ter sido escrita por ela, contendo todos os ensinamentos que adquiriu com o passar dos anos. Essa mulher é o fio narrativo por onde nossa história desliza, a anciã que detém o conhecimento guardado ao longo do tempo, a junção de toda a força feminina que encontramos no caminho. Ela é o arquétipo da mulher selvagem, a representação da *la loba* ou mulher que mora no final do tempo.

### *Las Cantadoras* ou **As Contadoras de Histórias**

Resolvi dedicar uma parte do artigo para falar dessas mulheres que cruzaram nosso caminho durante o nosso trabalho nos Núcleos de Convivência dos Idosos da cidade de São Paulo com a intervenção dos Carteiros Literários, não só porque elas deram origem à personagem principal do nosso espetáculo – a narradora Zefa de Antônio Chiquinho –, mas principalmente porque o encontro com essas senhoras foi uma potência criadora para mim enquanto contadora de histórias.

Ler e ouvir todas aquelas narrativas de coragem, amores, superação, fé e esperança me trouxeram a percepção da importância da arte de se contar histórias. Ouvindo aquelas mulheres que passaram por tantas dificuldades, tantos desafios e, ainda assim, narrando suas histórias com alegria e divertimento, me veio a certeza de que, mesmo muitas não tendo instrução (ou ao menos a oportunidade de estudar), em cada uma daquelas idosas existia a centelha poderosa de uma cantadora ou contadora de histórias. No encontro com essas mulheres pude ver o que a escritora e psicóloga Clarissa Pinkola Estes chama de mulher selvagem em toda a sua plenitude:

Chamo-a de Mulher Selvagem porque essas exatas palavras, mulher e selvagem, criam o llamar ou tocar a la puerta, a batida dos contos de fadas à porta da psique profunda da mulher. Llamar o tocar a la puerta significa literalmente tocar o instrumento do nome para abrir uma porta. Significa usar palavras para obter a abertura de uma passagem. Não importa a cultura pela qual a mulher seja influenciada, ela compreende as palavras mulher e selvagem intuitivamente. Quando as mulheres ouvem essas palavras, uma lembrança muito antiga é acionada, voltando a ter vida. Trata-se da lembrança do nosso parentesco absoluto, inegável e irrevogável com o feminino selvagem, um relacionamento que pode ter se tornado espectral pela negligência, que pode ter sido soterrado pelo excesso de domesticação, proscrito pela cultura que nos cerca ou simplesmente não ser mais compreendido. Podemos ter-nos esquecido do seu nome, podemos não atender quando ela chama o nosso; mas na nossa medula nós a conhecemos e sentimos sua falta. Sabemos que ela nos pertence; bem como nós a ela. Foi dentro desse relacionamento essencial, fundamental e básico que nascemos e na nossa essência é dele que derivamos. O arquétipo da Mulher Selvagem envolve o ser alfa matrilinear. (Estes, 1994, p.9)

Foi especial ver essas mulheres revisitando suas histórias, suas narrativas de vidas, relembando seu passado com os olhos e a bagagem de hoje. Foi entender que a história de vida de uma pessoa é a narrativa que ela constitui sobre si mesma e que esta narrativa se baseia nas premissas de mundo e nas experiências por ela vividas. É como Ecléa Bosi diz: “[...] essas experiências, as mais significativas, vão constituindo o conjunto de marcos que forma a memória de cada um de nós [...]” (Bosi, 2007, p.71).

Quisemos retratar através da dona Zefa e da colagem que fizemos para construir sua história, toda a sabedoria dessas mulher que, mesmo com todas as privações sociais e emocionais, seguem em frente, são o esteio para sua família, carregam em seu DNA o conhecimento primário para sua sobrevivência. O ato de recontar a sua história de vida acorda nosso feminismo selvagem, nos reaproxima daquilo que temos de mais instintivo, natural e poderoso, nossa verdadeira alma. Nas palavras de Clarissa Pinkola Estes:

Quando perdemos contato com a psique instintiva, vivemos num estado de destruição parcial, e as imagens e poderes que são naturais à mulher não têm condições de pleno desenvolvimento. Quando são cortados os vínculos de uma mulher com sua fonte de origem, ela fica esterilizada, e seus instintos e ciclos naturais são perdidos, em virtude de uma subordinação à cultura, ao intelecto ou ao ego – dela própria ou de outros. A Mulher Selvagem é a saúde para todas as mulheres. Sem ela, a psicologia feminina não faz sentido. Essa mulher não-domesticada é o protótipo de mulher... não importa a cultura, a época, a política, ela é sempre a mesma. Seus ciclos mudam, suas representações simbólicas mudam, mas na sua essência ela não muda. Ela é o que é; e é um ser inteiro.

A Mulher Selvagem carrega consigo os elementos para a cura; traz tudo o que a mulher precisa ser e saber. Ela dispõe do remédio para todos os males. Ela carrega histórias e sonhos, palavras e canções, signos e símbolos. Ela é tanto o veículo quanto o destino.

E então, o que é a Mulher Selvagem? Do ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como pela tradição das contadoras de histórias, ela é a alma feminina. No entanto, ela é mais do que isso. Ela é a origem do feminino. Ela é tudo o que for instintivo, tanto do mundo visível quanto do oculto – ela é a base. (Estes, 1994, p.12)

Fazer esse projeto, na minha opinião, foi um caminho para dar voz a essas mulheres, poder conhecer suas lembranças, foi ir na contramão do que o capitalismo prega. Sobre esse assunto, a filósofa Marilena Chauí diz que, quando o homem perde sua função social – na nossa sociedade capitalista isso quer dizer perder a função do trabalho, de ser produtor ou reproduzidor de algo “útil” para um bem comum –, ele é marginalizado, colocado de lado como um peso morto que não merece mais ser levado em consideração. Quando não se tem mais voz, perde-se também a capacidade de reproduzir ou transmitir suas lembranças, de olhar para o passado e conseguir identificar a importância da sua história e conseqüentemente o valor que as suas experiências têm para quem as escuta. Ela prossegue neste raciocínio:

[...] entre as famílias mais pobres, a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças [...]. (Chauí, 1979, p.20).

Por isso a importância de projetos e trabalhos que valorizem as memórias e histórias dessa população especificamente, pois de alguma maneira, se estes não são feitos, perdem-se importantes aspectos sociais e culturais, entre outros, fundamentais para se entender a sociedade que vivemos. Posso acrescentar que o ato de lembrar em conjunto, isto é, o ato de reconstruir a memória de forma compartilhada, é um trabalho que constrói sólidas pontes – porque alicerçadas numa bagagem cultural comum – de relacionamento entre os indivíduos e, talvez por isso, conduza à ação. É o que o pesquisador Maurice Halbwachs diz: “a memória compartilhada é tanto forma de domar o tempo, vivendo-o plenamente, como empuxo que nos leva à ação para criação de novas narrativas”.

## **Conclusão**

Ao final de tudo percebo que este trabalho foi algo importante e relevante do ponto de vista social, pois trouxe a possibilidade para que este grupo de idosos repartisse suas memórias, dando voz ao conjunto de suas histórias, mas ainda mais importante foi ter a percepção de que esse projeto trouxe uma nova narrativa para a mim, e para o restante do grupo, enquanto artistas. Ter o privilégio de recontar e transformar aquele material tão rico em algo artístico e completamente novo foi muito forte e potente. Entrar em contato com algo tão íntimo e sensível, que são as memórias das pessoas, e extrair dali um espetáculo teatral foi das experiências mais enriquecedoras que eu tive enquanto artista e contadora de histórias.

Em fevereiro de 2017 retornamos aos Núcleos de Convivência dos Idosos participantes do projeto para a apresentação do espetáculo *Contos do Povo de Algum Lugar*. Não tínhamos ideia do que esperar e muito menos se eles iriam gostar da maneira como costuramos as narrativas deles, a verdade é que estávamos muito apreensivos, pois de uma forma diferente do que acontece

numa apresentação teatral para um público diverso, ali teríamos os autores da história assistindo e se reconhecendo, ou não, na dramaturgia que criamos.

Foi lindo começar a apresentação e ir percebendo que, conforme a peça ia sendo contada, eles através de sorrisos, interjeições e até lágrimas, iam participando e se reconhecendo na narrativa ali contada. Muitos vieram até nós ao final das apresentações relatar que se identificaram completamente com a história contada, que se sentiram transportados no tempo, revivendo sua infância e juventude.

Poder apresentar a peça para “os donos da história” foi uma sensação maravilhosa e ficamos completamente agradecidos de termos tido o privilégio de fazer esse projeto. Para mim foi uma das experiências mais ricas e transformadoras que vivi, foi poder vivenciar na pele aquilo que lemos nos livros teóricos sobre o poder das histórias e de como elas nos transportam para outros lugares, que criam espaços mágicos entre o narrador e seu público. É a beleza de se reconhecer no outro, a delicadeza de observar que sua história tem muito mais pontos em comum com a do seu companheiro do que diferenças, que essas histórias nos aproximam e nos conectam de uma forma que nenhum meio de comunicação tecnológico, inventado até hoje pelo homem, é capaz de fazer.

Agradeço aos meus parceiros da Cia do Núcleo Educatho (Giulia Amorim, Leonardo Vaz e Vitor Meneghetti) por terem criado possibilidades para que este projeto acontecesse de forma tão bonita, ao Joca Andreazza por ter tido a sensibilidade de olhar de fora e nos conduzir na construção desse espetáculo e principalmente agradeço a todos os idosos que cruzaram nosso caminho e tiveram a generosidade de compartilhar suas histórias de vida. Era um projeto que exigia muito mais dos outros que iríamos encontrar pelo caminho (no sentido de estarem abertos e disponíveis para o que estávamos propondo) do que de nós. Sem esses senhores e senhoras que encontramos, nada disso teria sido possível. Foi um privilégio e uma emoção muito grande ter em nossas mãos suas memórias.

Termino com um trecho do livro *Mulheres que correm com os Lobos*, da psicóloga Clarissa Pinkola Estes, em que ela descreve uma imagem que me acompanhou durante todo esse processo, algo que, depois de ter realizado esse projeto faz ainda mais sentido para mim enquanto contadora de histórias. Essa

imagem me faz sempre lembrar a importância sagrada que o ofício do contador representa e o valor das histórias para o mundo que vivemos:

Uma vez sonhei que estava contando histórias e sentia alguém dando tapinhas no meu pé para me incentivar. Olhei para baixo e vi que estava em pé nos ombros de uma velha que segurava meus tornozelos e sorria para mim. "Não, não" disse-lhe eu. "Venha subir nos meus ombros, já que a senhora é velha e eu sou nova." "Nada disso" insistiu ela. "É assim que deve ser." Percebi que ela também estava em pé nos ombros de uma mulher ainda mais velha do que ela, que estava nos ombros de uma mulher usando manto, que estava nos ombros de outra criatura, que estava nos ombros.... Acreditei no que disse a velha do sonho a respeito de como as coisas devem ser. A energia para contar histórias vem daquelas que já se foram. Contar ou ouvir histórias deriva sua energia de uma altíssima coluna de seres humanos interligados através do tempo e do espaço, sofisticadamente trajados com farrapos, mantos ou com a nudez da sua época, e repletos a ponto de transbordarem de vida ainda sendo vivida. Se existe uma única fonte das histórias e um espírito das histórias, ela está nessa longa corrente de seres humanos.

(Estes, 1994, p.18)

### **Referências bibliográficas**

Abreu, Luís Alberto. (2004). Processo Colaborativo: Relatos e Reflexões sobre uma Experiência de Criação. In *Cadernos da ELT - número 2, junho de 2004* [revista de relatos, reflexões e teoria teatral da Escola Livre de Teatro de Santo André].

Cascudo, Luís da Câmara. (1984). *Literatura Oral no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

Bosi, Ecléa. (2007). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Chauí, Marilena. (2002). *Convite à Filosofia*. 12ª ed. São Paulo: Ed. Ática.



Estes, Clarissa Pinkola. (1994). *Mulheres que Correm com os Lobos – Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem*. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco.

Halbwachs, Maurice. (2006). *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.

Rouso, Henry. (2002). A memória não é mais o que era. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 5ª ed. pp. 93-101. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Simson, Olga von. (2000). Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento. In Luciano Mendes de Faria Filho (org.). *Arquivos Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas – SP: Autores Associados.